The background of the cover is a detailed illustration of a Dutch town, likely Amsterdam, viewed from across a canal. In the foreground, a man wearing a black hooded cloak stands with his back to the viewer, looking towards the town. The town features several prominent windmills, a church with a blue dome, and a long building with a series of arches along the waterfront. A small boat with two people is on the water in the middle ground. The sky is filled with soft, white clouds. The overall color palette is dominated by blues, greens, and earthy tones.

JOSÉ RODRIGUES
DOS SANTOS

O SEGREDO
de
ESPINOSA

TRECHO ANTECIPADO  Planeta PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

JOSÉ RODRIGUES
DOS SANTOS

O SEGREDO
de
ESPINOSA



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © José Rodrigues dos Santos, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Todos os direitos reservados.

Preparação: Bárbara Parente

Revisão: Caroline Silva e Elisa Martins

Projeto gráfico e diagramação: Negrito Produção Editorial

Capa: José Moreno

Adaptação de capa: Emily Macedo

Imagens da capa: Silas Manhood / Trevillion Images e Morphart Creation,
Faestock e Unique Vision/Shutterstock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Santos, José Rodrigues dos

O segredo de Espinosa / José Rodrigues dos Santos. -- São Paulo : Planeta do Brasil, 2023.

488 p.

ISBN 978-85-422-2383-5

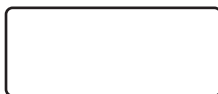
1. Ficção portuguesa I. Título

23-5209

CDD P869

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção portuguesa



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

Um barco carregado de lenha deslizava suavemente pelo Houtgracht, o canal de Amsterdã para o qual dava a janela da casa alugada pelo muito respeitado senhor Miguel de Espinosa na bela marginal, mas a visão era demasiado banal para suscitar o interesse dos filhos. Fazia frio, pois dezembro já começara. A mais velha, Miriam, uma rapariga magra de onze anos, estava encolhida à mesa com a pequena Rebecca ao colo, pois a irmã mais nova tinha apenas cinco anos, enquanto Isaac e Gabriel faziam caretas um ao outro. Alheio aos irmãos, Bento ocupava a mente ainda a tentar perceber a chocante cena a que assistira na sinagoga.

“Estou com larica”, protestou Rebecca, chorosa. “Quando é que vem a paparoca?”

“Tem calma, o pai foi à dona Rute buscar o almoço”, acalmou-a a irmã mais velha. “Ela ia fazer umas daquelas alheiras à moda de Mirandela que...”

A porta da rua escancarou-se nesse momento com brusquidão, fazendo-os darem um salto de susto. Olharam para a entrada e viram o pai irromper pela casa com uma cesta por baixo de um braço e uma garrafa de vinho erguida na outra mão como se fosse um troféu.

“Viva Portugal!”

A cena deixou as crianças estupefatas. O pai, judeu respeitoso e cumpridor dos seus deveres, não era homem de se meter nos copos. Aqueles vivas à velha pátria pareciam-lhes despropositados. Que bicho o teria mordido?

“Tenho fome!”, atirou Rebecca. “Quero comer!”

Com entusiasmo esfuziante, Miguel precipitou-se para a mesa das refeições, pousou a cesta e foi à estante buscar um copo, que encheu de vinho.

“Hoje é dia de festa, meninos!”, exclamou, erguendo o copo bem alto. “A nossa pátria livrou-se finalmente dos espanhóis! Viva a liberdade! Viva Portugal!”

Deitou o copo à boca e engoliu todo o conteúdo de uma vez só. Os filhos não percebiam o que se passava, aquele comportamento não era normal, mas nenhum ficou mais intrigado do que Bento.

“O que aconteceu, pai? Por que está assim? O que se passou em Portugal?”

Miguel pousou o copo sobre a mesa e limpou os beiços com as costas da mão.

“Chegou agora de Lisboa um navio com a grande notícia”, disse. “Acabou-se a submissão à Espanha. Demos um grande pontapé no Filipe IV e pusemos os espanhóis no olho da rua. Este ano de 1640 vai ficar nos anais da glória! O nosso país, o nosso grande país, é livre outra vez. Livre! Portugal renasceu! Viva Portugal!”

O pai pôs-se a dançar aos saltos no meio da sala e os filhos imitaram-no, juntando-se à festa, embora sem a compreenderem verdadeiramente. Bento foi o único que permaneceu quieto no seu lugar. Não se podia dizer que partilhasse o entusiasmo do pai. Tal como muitos *yehidim* da comunidade em Amsterdã, Miguel era um patriota português e não admitia que ninguém falasse mal do seu país. O tema era de tal modo importante na comunidade que quem se atrevesse a criticar em público os representantes de Portugal estava sujeito a *cherem*, embora as críticas aos representantes da Espanha fossem perfeitamente admissíveis. Não era aliás por acaso que a comunidade do Houtgracht se designava a si mesma como *a Nação*, jamais *la Nación*, e que na própria sinagoga toda a comunicação que não fosse litúrgica decorria em português.

“Pusemos os espanhóis no olho da rua!”, repetiu um radiante Miguel, engolindo mais um trago de vinho. “Agora a música vai ser outra! Ai, vai, vai...”

A Bento aquilo parecia absurdo, considerando que simpatizava com os espanhóis, até porque alguns dos seus amigos na sinagoga eram espanhóis, mas considerando sobretudo a forma como a velha pátria de quem tantos judeus de Amsterdã falavam com tão sentida nostalgia os tratara, queimando muitos na fogueira só pelo crime de acreditarem na Lei de Moisés. Notícias terríveis dessas continuavam, aliás, a chegar constantemente de Lisboa, do Porto, de Évora. Como era possível que o pai e tantos outros na Nação continuassem a considerar-se grandes patriotas portugueses?

Entre os *yehidim*, contudo, a maioria não via contradição nenhuma entre o amor a Portugal e o ódio ao catolicismo. Uma coisa era a pátria, que amavam incondicionalmente e pela qual suspiravam amiúde, outra completamente diferente era a maldita Inquisição que os forçara a abandonar a sua terra adorada. No caso do pai, o patriotismo português exacerbado

misturava-se com um acentuado zelo ortodoxo judaico, o que ao filho se afigurava ainda mais estranho, se não mesmo trágico.

“Temos de ajudar a pátria”, acrescentou o pai, tão excitado que não se conseguia calar, embora talvez falasse mais para si mesmo do que para os filhos. “Os Nunes da Costa já estão a dizer que vão enviar um barco de guerra e munições para auxiliar a nossa gente. Sim, porque os espanhóis não se vão ficar. A hora é de perigo. Temos de socorrer o nosso país!”

Todas as conversas em casa decorriam em português, a língua materna da família Espinosa. Na verdade, essa era a língua natural da comunidade dos marranos de Amsterdã, conhecida pelos neerlandeses como os “portugueses” – embora alguns deles, uma minoria, tivessem origem espanhola. A verdade é que a generalidade dos membros mais velhos da comunidade nem sequer se dera ao trabalho de aprender neerlandês, apesar de ali viver havia tanto tempo. Bento e os irmãos estavam familiarizados com a língua local, claro, uma vez que nasceram em Amsterdã e os seus contatos com a população nativa, não sendo muitos, eram suficientes para conseguirem falar neerlandês, embora naturalmente sem o à vontade com que dominavam a língua materna, o português.

Miguel, todavia, e a exemplo dos homens da sua geração, resistia teimosamente ao neerlandês. Acusava os habitantes de Amsterdã de rosnarem em vez de falarem e queixava-se a toda hora daquela incompreensível “língua de cafres”; para ele estava absolutamente fora de questão aprendê-la.

“Tenho larica!”, voltou a protestar Rebecca, cansada da dança e de olhos postos no prato vazio. “A paparoca?”

Regressando à realidade mundana da gestão da casa, o pai mergulhou as mãos na cesta que pousara na mesa.

“Já vai, já vai...”

Pôs-se a cantarolar canções portuguesas da sua juventude, sempre alegre e efusivo, e tirou enfim da cesta as famosas alheiras da dona Rute, a velha judia que fugira de Trás-os-Montes com a família e que lhes fazia frequentemente as refeições. Miguel distribuiu a comida pelos pratos de todos e a seguir depositou na mesa um punhado de laranjas do Algarve adquiridas pela sua empresa de importação de fruta portuguesa.

“Hoje é enfardar até rebentar”, recomendou, fazendo sinal aos filhos para começarem a comer. “O renascimento do nosso Portugal tem de ser comemorado em grande.”

“A Inquisição vai acabar, pai?”

Miguel respondeu com um esgar cético.

“Isso já não sei. O que sei é que, se arrumarmos os espanhóis de vez, poderemos finalmente reatar relações comerciais com a nossa pátria amada.”

“Mas, pai, nós já compramos fruta de Portugal...”

Era verdade, sabiam todos. A Espanha tinha declarado um bloqueio ao comércio com os Países Baixos, mas os funcionários portugueses, a quem agradava tudo o que irritasse os espanhóis, faziam vista grossa à proibição do comércio com os neerlandeses e sobretudo com os portugueses de Amsterdã, bastando para tal uma intermediação alemã, inglesa ou francesa que salvaguardasse as aparências. O comércio entre os Países Baixos e o Brasil prosseguira graças à colaboração dos comerciantes portugueses, em cujo nome os neerlandeses haviam colocado os seus navios e produtos, tendo sempre os portugueses respeitado os seus verdadeiros proprietários apesar de os papéis legais dizerem o contrário. Os funcionários portugueses chegavam a alertar os neerlandeses sempre que os seus bens eram ameaçados pelos espanhóis.

“Comprávamos às escondidas, Bentinho. Mas agora será tudo às claras. Há que comemorar!”

Ao ver o pai tão bem-disposto, Bento percebeu que se abria uma inesperada janela de oportunidade para esclarecer o assunto que havia alguns dias tanto o perturbava. O pequeno dispunha de uma mente inquisitiva e gostava de entender tudo ao pormenor, incluindo a causa das coisas, mas tinha noção de que nem sempre o pai estava disponível para lhe responder. Normalmente isso levava-o a retrair-se, pois não gostava de agitar as águas. Havia que manter a *shalom bayis*, a paz no lar. Mas naquele momento o ambiente mostrava-se propício. Precisava era de ser sagaz na maneira como abordaria o assunto.

Deixou o almoço correr por alguns momentos, com o pai a saborear em voz alta a proclamação da independência de Portugal em relação à Espanha e a deleitar-se com o bom vinho que abria para festejar a ocasião. Quando o entusiasmo pareceu acalmar, o que sucedeu na altura em que chegaram às laranjas, jogou a sua cartada.

“A mamãe conhecia aquele senhor?”

A pergunta foi formulada como se lhe tivesse acabado de ocorrer. Não entendendo a questão no contexto da restauração da independência de Portugal, Miguel devolveu-lhe uma careta de incompreensão.

“Qual senhor?”

“O que proferiu as blasfêmias e a quem no outro dia foi anulado o *cherem* na esnoga.”

Ao perceber de quem o filho falava, Miguel fechou o rosto.

“Ah, o Uriel da Costa. O que tem ele?”

“Na esnoga ele disse que se chamava Gabriel...”

“Sim, mas todos o conhecem por Uriel. Por que estás agora a falar nesse desgraçado?”

Sentindo a sensibilidade do assunto, o pequeno fingiu apenas um vago interesse no assunto.

“O pai disse que a família dele se dava com a mamãe...”

“Dava-se com a família da mamãe”, corrigiu o pai, enfatizando a palavra *família*. “Deus quis que os Garcês e os Costas se conhecessem dos tempos em que viviam no Porto.”

“Se as nossas famílias eram próximas, se calhar não o devíamos ter pisado...”

O chefe da família hesitou. Normalmente não falaria daqueles assuntos com os filhos, eram demasiado pequenos para poderem entender as coisas do mundo, mas a alegria pela independência de Portugal e os efeitos do vinho baixaram-lhe a guarda. Se o rapaz queria perceber o que se passara na sinagoga, por que não esclarecê-lo?

“O Uriel ofendeu Deus bendito e, com a graça de Amonai, Nosso Senhor, teve de mostrar arrependimento e enfrentar a punição adequada à dimensão dos seus pecados para que o *cherem* lhe pudesse ser anulado”, explicou o pai. “Pisamos porque foi essa a ordem dos senhores do *ma'amad*, em obediência à vontade de Deus. Foi até do interesse do Uriel, se queres que te diga, pois permitiu que fosse perdoado e reintegrado na Nação.”

Fingindo-se apenas vagamente interessado no assunto que por esses dias dominava todas as conversas entre os *yehidim*, dado que o sucedido pouco tempo antes na sinagoga alimentava muito parlatório entre os portugueses de Amsterdã, o mais vivaço dos filhos de Miguel deu uma trincadela distraída na alheira que lhe coubera em sorte.

“Lá na escola, um colega contou-me coisas do senhor Uriel”, disse com a descontração de quem tecia considerações mundanas sobre o estado do tempo. “Parece que ele falou contra o Talmude.”

O Talmude, o livro da lei judaica, expunha a lei oral que regulava as cerimônias rabínicas e a própria vida diária da comunidade, servindo de base para todos os códigos legais dos judeus.

“O Uriel é parvo.”

“Como se pode falar contra o Talmude, pai?”

O olhar de Miguel desviou-se para a janela como se procurasse aí forma de responder à pergunta. O Houtgracht, que cortava ao meio o bairro português de Amsterdã com as belas fachadas das casas alinhadas ao longo das duas margens do canal, estava nessa altura sem tráfego. Do outro lado do canal era visível o Antwerpen, o nome por que todos conheciam o edifício que durante anos albergara a sinagoga da Bet Jacob, a velha congregação frequentada pelos Espinosas e durante tanto tempo liderada pelo prestigiado *chacham* Saul Levi Morteira. A Bet Jacob fundira-se dois anos antes com outras duas congregações e reunia-se agora numa única sinagoga, situada a apenas algumas centenas de metros de distância e chefiada pelo mesmo *chacham* Morteira, agora na qualidade de rabino-chefe de toda a comunidade. Fora de resto aí que ocorrera dias antes a dramática anulação do *cherem* de Uriel da Costa.

“O Uriel nasceu católico e durante algum tempo até foi tesoureiro da Igreja”, contou. “O pai dele também era católico, mas a mãe conversa, graças a Deus.”

O filho fez uma careta.

“A dona Sara... conversava?”

A pergunta arrancou um sorriso de Miguel; só uma criança poderia fazer uma confusão daquelas.

“Conversa significa que era judia e converteu-se, ou foi convertida, ao catolicismo”, explicou. “Nas terras da idolatria, como Portugal e Espanha, não se pode ser judeu, como vocês sabem. Portanto, fomos todos convertidos à força. A mãe do Uriel também. Chamam-nos por isso conversos. Ou cristãos-novos. Ou marranos. Só que a dona Sara continuou a ser judia no coração, percebes? Com a ajuda de Adonai, o Misericordioso, convenceu os filhos a regressarem em segredo à verdadeira fé, incluindo o Uriel. Com medo da Inquisição, acabaram todos por fugir para cá e foi aqui que, com a graça de Deus, encontraram proteção. Apenas o pai, um aristocrata cristão do Porto, ficou lá a adorar as estátuas e os santos e toda essa idolatria pagã de que os católicos tanto gostam.”

“Se o senhor Uriel é judeu, como pôde ele falar contra o Talmude?”

“O Uriel viveu toda a sua vida entre cristãos e, quando com a ajuda de Deus retornou à verdadeira fé, julgava que o judaísmo era só a Torá com as leis de Moisés. Não sabia que havia uma série de regras estabelecidas na

lei oral pelos sábios e pelos rabinos. Quando chegou aqui e foi confrontado com elas, reagiu mal. Disse que uma coisa era a lei absoluta de Deus, outra as invenções dos sábios e dos rabinos que eram totalmente alheias à lei divina enunciada por Moisés.”

Bento alçou um sobrolho; era a primeira vez que ouvia falar em tal coisa.

“A lei oral do Talmude é uma invenção?”

“Foi o que ele disse, o blasfemo. A circuncisão, os filactérios, os *tallitot*... tudo invenção que nada tem a ver com a lei de Deus. O Uriel entrou em heresia completa, claro. O que eu acho é que ele ficou desiludido com as práticas que encontrou aqui em Amsterdã. Chamou à nossa comunidade uma seita chefiada por fariseus e outros disparates que tais, vê lá tu! Até escreveu um livro maldito, um pedaço de lixo intitulado *Propostas contra a Tradição*. Assentou mal a toda a gente, como é bom de ver. Ninguém estava disposto a aturar esta mão-cheia de blasfêmias ofensivas a Deus.”

“Foi por isso que lhe decretaram o *cherem*?”

“Por isso... e por coisas piores.”

O pai calou-se, como se o resto fosse tão terrível que nem sequer podia ser dito.

